



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE05582008GRC



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo  
Director: Padre João Rosa  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

13 de Setembro de 2008 • Ano LXV • N.º 1683  
Preço: € 0,33 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt  
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

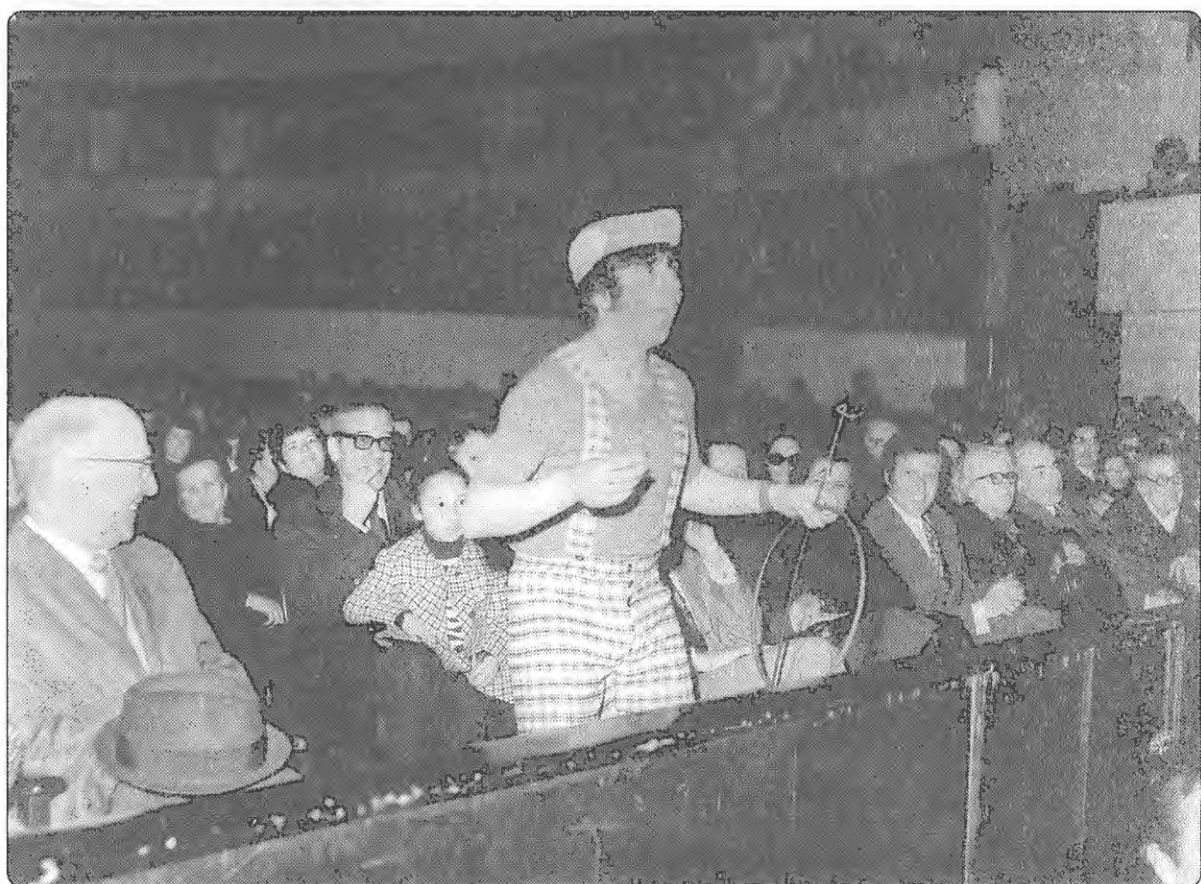
## Gratidão

**N**ÃO vivemos em função dela. Se assim fosse já teríamos a nossa recompensa – recompensa do “tamanho do nariz”. Mas gostamos da gratidão! Ser grato, saber agradecer é um sentimento humano; é sinal de um carácter humanamente rico e exuberante. Sentir a gratidão de alguém é, em certas ocasiões, um bom “sedativo” para o “sufaco” do quotidiano...

Não é um sentimento de fácil aprendizagem ou assimilação. É preciso que o acta de dar tenha deixada na alma daquele que foi bafejada pelo bem recebido a marca da gratuidade, sem manipulações. Também, em nossas Casas do Gaiato, onde a educação é feita pela proximidade, caldeada pelo espírito de família, esta aprendizagem e assimilação não é um projecto educativo fácil de alcançar. Os anos primeiros da vida de muitos deles foram infestados pela rejeição, pela ausência de modelos educativos, narteados pela gratuidade; a manipulação foi para muitos o “pão de cada dia”.

O nosso munda, também ele está cheio de mensagens mediáticas cujo conteúdo não favorece o educação para a gratidão, para a gratuidade como norte de vida. É o educar para o “salve-se quem puder...” na maior parte dos casos e situações humanas. É tarefa da educação investir contra esta mentalidade, nas famílias, nas escolas, na sociedade em geral. Em nossas casas, um trabalho nunca acabada. Nós, também não desistimos, aliás, temos muitas provas de que vale a pena continuar a ensinar que a gratidão é uma atitude de nobre carácter. As mudanças de padres nas Casas do Gaiato têm sido momentos de muito sofrimento mas também, extraordinárias ocasiões, para manifestar que os Rapazes não consideram nunca a nossa entrega a eles um entretenimento ou um mero exercício de um cargo pedagógico, mas um verdadeiro dom de paternidade que não lhes passa despercebido e cuja gratidão se prolonga no tempo em mensagens encantadoras e inesquecíveis apontando a nossa doação no horizonte da eternidade. Gostamos desta gratidão. É humana, reconfortante e justa.

Padre João



## Os Gaiatos voltam ao Coliseu

**É** ponto assente que será na quinta-feira, 9 de Outubro às 21 e 30.

Também ponto assente que o teor da Festa vai ser um grande *Encontro* entre a *Família de dentro* e a *Família de fora*, como costumamos designar os que vivem sob os telhados da Obra da Rua e a multidão imensa dos que nos acompanham nos trabalhos, nas alegrias e nas dores que a Obra comporta.

Foi assim desde o princípio. A Obra nasceu sob o signo de FAMÍLIA. O sentido dela impregna de tal forma o carisma do Fundador que, para ir aos Pobres, se não ateu a um grupo de prestantíssimos benfeitores, antes os contagiou da sua própria inquietação e os tornou comungantes na acção a que Deus o chamava.

Assim vinculados, a *Família de fora* cresceu em número e em robustez ao longo de setenta e seis anos e continua a ser suporte principal, não só dos gastos que a Obra implica, mas, sobretudo, fecunda fonte de ânimo no desgaste a que o tempo não nos poupa, nomeadamente em alguns momentos adversos — e o mais acutilante de todos foi, com certeza, aquele em que ficámos sem Pai Américo no meio de nós.

Não será prova de tal vínculo a generalização do nome de Pai dado a Padre Américo justamente por tantos que, não precisando dela materialmente, lhe proporcionaram meios de exercer paternidade em relação a outros mergulhados em situações de pobreza?!

Este carácter familiar da Obra faz parte da sua essência. Em tempos de desvirtuação da Família, é natural que muitos não nos entendam como tal e pretendam substituir por técnicas, os seus modos sim-

ples, espontâneos, de acção. Temos de resistir, decididos, a essa tentação, dando a conhecer Pai Américo a gerações que não foram contemporâneas dele e preservar assim o património espiritual que ele nos legou.

Por isso, esta nossa presença no Coliseu será uma espécie de serão familiar entre os *de fora* e os *de dentro*, em que recordaremos Pai Américo e a sua inspiração através de testemunhos e de imagens do que ele disse e fez. Casas do Gaiato, em Portugal e em África, Calvário, Património dos Pobres serão apresentados a partir dos males sociais que os ditaram e, por mal nosso e para nosso mal, não são realidades do passado. A miséria poderá ostentar, hoje, um rosto diferente, mas persiste, a dizer-

nos que a evolução dos tempos não chegou ainda à Justiça Social.

Claro que queremos um serão participado e alegre. E por isso, os momentos sérios, serão entremeados por pequenas intervenções, «gracinhas» dos *de dentro*. E entre eles — já o convoquei e ele consentiu — estará o Américo, o primeiro e grande *culpado* das Festas-espectáculo que neste palco

decorreram durante muitos anos e nos deixaram tantas saudades.

Aos espectadores de então se entrega o especial encargo de passarem palavra sobre este *Encontro* de agora. Pelo que já disse, quem me dera uma plateia repleta de gente nova e cheia de vontade de aproveitar a ocasião para conhecer melhor Pai Américo e o valor que ele foi, e é, para a sociedade portuguesa!

Padre Carlos

## Bodas de ouro sacerdotais

**N**O passado mês de Agosto fez 50 anos de sacerdócio (as bodas de ouro), o nosso Padre José Maria Ferreira da Costa, da Diocese de Lisboa, onde foi ordenado a 15 de Agosto de 1958. Encontra-se, actualmente, com a responsabilidade da Casa do Gaiato de Moçambique.

A ele, «via O GAIATO», as nossas fraternais saudações, com votos de fecundo apostolado ao serviço do Senhor e da Sua Igreja, nesta Sua obra, a Obra da Rua, na esteira do Padre Américo.

**Teremos ainda a edição de 27 de Setembro para as últimas notícias sobre este evento. Mas desde já informamos que os bilhetes se encontram nas:**

- BILHETEIRAS DO COLISEU;
- CASA DINA (nosso actual Depósito no Porto, pela primeira vez envolvido nestas lides) R. dos Mártires da Liberdade, 30.

**Não deixem para o fim este recado, porque os bilhetes são de preço único e quem por eles for primeiro, melhor poderá escolher.**



# Pelas CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

**PARTILHA** — Caros Leitores: depois de um interregno de algumas quinzenas em matéria de relato agradecido dos vossos donativos, voltamos com este espaço de “partilha”, pedindo desde já desculpa por alguma omissão involuntária. Chamem-nos à atenção, se for o caso.

Começamos pelos “grãozinhos para os mais pequeninos” que a Lurdes do Cacém continua a enviar todos os meses, apesar do “nível de vida aumentar cada vez mais”, o que não lhe permite “ajudar mais”: em Julho foram 50€; em Agosto foram mais 35€. Só de uma boca Humilde (a letra maiúscula é de propósito, mesmo que seja contra as regras da gramática) como a da Viúva do Templo é que podem sair palavras como estas.

Do Jorge Costa André, de Lisboa, chegou-nos o que, dos 150€ que enviou para pagamento da assinatura do Jornal, os responsáveis da Casa do Gaiato decidiram deixar ao cuidado da nossa Conferência. É um leitor preocupado com a “perseguição” em curso à Obra de Rua. Comungamos das suas inquietações porque também, ao nosso jeito, somos parte dessa “Obra” e sem ela nada seríamos.

O Vasco Araújo e Silva, de Perosinho, volta a estar presente com uma “pequena ajuda” de 100€ para os nossos “Irmãos em Provação”, com “Votos de muitas Graças do Senhor para toda a Família da Conferência”.

Da Maria do Céu Pinho, de Bustelo-Oliveira de Azeméis, recebemos 300€, da verba que enviou para pagamento da assinatura do Jornal e para a nossa Conferência. Foram bem “entregues”. Que Deus lhe pague.

Do Otelio Silva, de Avintes, chegou-nos um vale de 40€. Veio-nos outro tauto do assinante N.º 78360 e mais 150€ do assinante N.º 57558.

Da Maria Hermínia Gomes, do Porto, recebemos uma “pequena partilha na época de férias”, de 100€, “para ser aplicado no que de maior necessidade tiverem para com os nossos irmãos mais necessitados”. Tal como pede, não a esqueceremos nas nossas orações, bem como a todos os leitores que nos vão ajudando no nosso trabalho.

A Maria Luíza Carvalho, de Rio de Mouro, “cá está novamente a lembrar-se de nós, com muito gosto”, num mês de Agosto onde recorda, com dor, os 10 anos do falecimento do marido e celebra 86 anos de vida. Envia-nos, “por inteiro” os 50€ do seu “subsídio de férias”, “para tapar qualquer buraco”. Uma lição, com o vigor de 86 anos de vida, que

precisava de ser aprendida por muitos veraneantes por esse país e esse mundo fora.

Finalmente, “Paço de Arcos” volta a estar presente, agora com 800€ para amortizar a “uma dívida para a Vida” que “a filiação divina” contraída no Baptismo nos acarreta: “cuidar dos irmãos mais necessitados”. Nesta altura em que se fala tanto de “crise” e de “sobre-endividamento” quem é que pensa neste tipo de dívida e age em consequência? Se mais pessoas houvesse como este nosso irmão, certamente não teríamos nem tanta “crise”, nem tanto “sobre-endividamento”.

Em nome dos Pobres, um simples, mas muito sentido, Obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.  
Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

**AGRICULTURA** — Os trabalhos na nossa quinta, mesmo com muito calor, têm sido feitos. Assim, concluímos a apanha da batata, na terra nova e na terra dos grilos. O tractor com a alfaia própria rasgava a terra e as batatas ficavam à superfície. Depois, um grupo de Rapazes apanhava as batatas maiores para as caixas, outro grupo agarrava as batatas pequenas e outro procurava as cortadas, colocando-as em sacos. Ao fim da manhã e da tarde, eram carregadas para o atrelado. Depois da apanha, as terras foram rebuscadas. Com as batatas todas armazenadas, foi posto um produto químico para a traça.

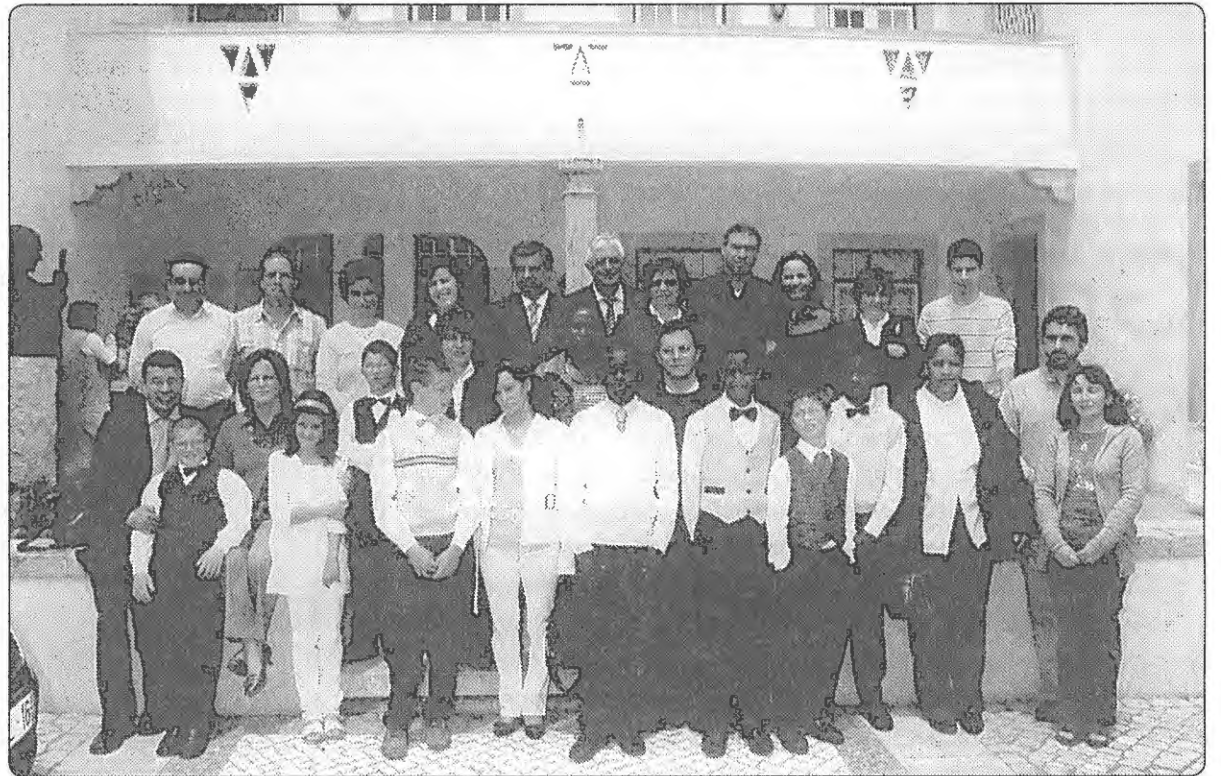
Na horta e no pomar, embora a água seja pouca, nesta altura, tem-se regado os feijoeiros, as aboboreiras, as alfaces, os pimentos e as beringelas. Arrancaram-se ervas de algumas couves e estacaram-se feijoeiros novos.

A rega do milho não tem parado e as plantas dos dois campos estão a ficar com o caule crescido. Começou-se a cortar o pendão e a pôr a secar as folhas de cima, no campo.

**JARDINAGEM** — Com a máquina de cortar sebes, de cortar relva e a roçadoura, procedeu-se a novo arranjo dos jardins interiores. Foram aparados também os arbustos em frente à frontaria da nossa Casa e da nossa Capela.

**AVARIA** — Os nossos telefone (239 532 125) e fax (239 532 099), da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, estiveram avariados. Logo que possível, foi consertada a avaria na central, talvez devido a algum pico de energia.

**PASSEIO** — O Carlos Gonçalves (Dalua), a estagiar como cozinheiro, foi a uma viagem, com os melhores alunos de Miranda do Corvo, a Viana do Castelo, entre 1 e 4 de Setembro. Vale a pena ser cumpridor!



Rapazes que foram baptizados e receberam a Primeira Comunhão, com os padrinhos e familiares, em 22 de Maio de 2008, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

**ANIVERSÁRIO** — O Luís, que veio para a nossa Casa em Abril, fez 11 anos, a 21 de Agosto; e apagou as velas de um bolo de aniversário, cujas fatias distribuiu ao almoço. Parabéns!

**PRAIA DE MIRA** — O segundo turno de Rapazes, mais crescidos, gozou três semanas de férias na nossa casa. O tempo esteve bom para a praia. Os Rapazes comeram gelados, várias vezes. O Leandro foi picado e adoeceu, tendo que ir à urgência dos HUC. O José António (Chola) e família passou uma semana na nossa casa dos casados.

**PADRE CARLOS** — O nosso Padre Carlos, que se encontra no Lar do Gaiato do Porto, está a recuperar de uma operação à anca. Veio passar alguns dias connosco, em que aproveitou para visitar alguns Amigos. Boa saúde.

**PREGAÇÃO** — Nos dias 16 e 17 de Agosto (3.º Domingo), fomos, como é tradição, desde 1935, ao peditório da Figueira da Foz. Foram vários Rapazes: Joaquim, Diogo, Arlindo, Rui, José e Carlos. Participámos nas Eucaristias, na Igreja Matriz (S. Julião) e da Misericórdia, sendo muito bem recebidos pelo Pároco, sr. Padre João Veríssimo, e pelos cristãos presentes. Os ofertórios são para ajudar nas nossas pesadas despesas. Muito obrigado aos nossos Amigos!

**VISITANTES** — Tivemos algumas visitas muito agradáveis, como é costume. Assim, a 21 de Agosto, vários Amigos de Sobral (Mortágua) vieram trazer alguns bens. A 23, Sábado, um grupo de Amigos fiéis de Vila do Conde deslocou-se expressamente até nossa Casa, para nos trazer um bom cabaz de géneros alimentícios e de produtos de limpeza; participaram na Eucaristia e almoçaram connosco. A 26 deste mês, vieram alguns Amigos de Casais (Lousada).

Nessa tarde, uma família Amiga de Coimbra ofereceu-nos uma merenda ajantarada, muito boa. Uma Engenheira Amiga, do Porto, tem confeccionado, com muito carinho, bons doces caseiros, em frascos rotulados; e veio, propositadamente, trazer-nos várias compotas, saborosas, para o nosso pequeno-almoço. Bem-haja!

Alunos do Alternativo

## SETÚBAL

**SPORTING CP** — Pronto, como eu tinha dito, vou prolongar um pouco mais o episódio de dois rapazes que estiveram nas instalações desportivas do clube Sporting Clube Portugal. Tudo começou com uma simples carta que, sem sabermos como, veio entrar no nosso correio.

Um envelope branco A4 selado com o símbolo do clube. Era um convite para um dos nossos rapazes ir passar uma semana de férias desportivas na Academia Sporting/Puma.

E, então, no fim do mês de Julho, o nosso Cláudio Dias, preparou algumas coisas suas: objectos de higiene pessoal, roupa interior, etc. Tudo o que era preciso. E o Sandro, que foi no início do mês de Agosto, fez o mesmo.

O Cláudio e o Sandro foram acompanhados pelo Gualberto às Instalações do Sporting.

Pelo que me foi transmitido, eles adoraram a semana inteira. Desde o primeiro dia até ao fim do último dia.

E a semana dos dois atletas foi mais ou menos isto: de manhã os atletas acordavam pelas oito horas e alguns minutos depois iam para um enorme refeitório onde, aí, tomavam o pequeno-almoço. Depois, existia uma sala logo ao lado, a sala de convívio, onde os atletas descansavam as pernas, jogavam ténis de mesa, matraquilhos, disputavam jogos na playstation e viam televisão

desportiva. Essa sala servia para os tempos livres existentes entre as refeições e os treinos.

O primeiro treino do dia começava logo pelas nove e meia e consistia mais em conhecimento, em aprendizagem e jogos lúdicos. Em primeiro, os atletas tinham de se conhecer entre eles para depois se darem melhor.

Acabado o treino da manhã, por volta das doze horas, os jogadores iam a uma piscina que estava mesmo atrás do campo de treinos dos jogadores seniores.

Era uma piscina pequena, mas boa para o calor que todos os dias batia no relvado quente onde os treinos decorriam intensamente.

No último dia, todos os jogadores que participaram nas Férias Desportivas, tiveram de mostrar aos familiares e amigos, o que aprenderam durante toda a semana. Era uma espécie de exibição e, com todo o esforço, alguns atletas receberam em nome da Academia, diplomas a comprovar o seu empenho.

Gostaríamos de agradecer ao Clube, pela consideração que pelo segundo ano consecutivo, teve connosco.

Daniilo Rodrigues

## MOÇAMBIQUE

**CINQUENTENÁRIO DO PADRE JOSÉ MARIA** — Aos 15 de Agosto de 1958 decorreu em Portugal a ordenação sacerdotal de José Maria Ferreira Costa. Cinquenta anos depois, a lembrança desta data foi acolhida por toda a Comunidade Padre Américo, com muita festa.

O festim estreou com o despontar dos primeiros raios de sol daquela sexta-feira e o seu término está previsto para um ano depois. Esta que vinha sendo preparada desde o

Tiragem média  
d'O GAIATO, por edição,  
no mês de Agosto,  
50.083 exemplares



## MOÇAMBIQUE

## Colocar as coisas no seu lugar

**M**AIS que todas as festas que possam alegrar e marcar os nossos Rapazes, com um sentido predefinido de educação, como foi a Festa última de Pai Américo ou outra para que tenham motivação, como a dos cinquenta anos de Padre da Rua, ou ainda a despedida daqueles que aqui vêm dar a sua melhor ajuda, mesmo

que de curta duração, as alegrias maiores que se vivem em Casa, são as saídas para o emprego.

A Família que somos gravou no espírito daqueles que nem de sangue conheceram alguém, o equilíbrio e responsabilidade indispensáveis, ao deixarem o aconchego da Casa. A única que conheceram, onde cresceram e se prepararam para a vida que agora

vão enfrentar sozinhos. É sem dúvida um salto, não no escuro, mas na aventura da vida que cada vez é mais indefinida na hora que vivemos.

Hora alta de manifestar serenamente a confiança neles depositada, por quem os convidou e marcar pelo exemplo do comportamento na prestação de serviço, uma referência para os que ficam

## Património dos Pobres

**O** acabamento da Casa que substitui a da família que morava frente à Igreja da Freguesia, com chão de terra e sem água nem luz de que falei no último GAIATO e a reparação do andar comprado para o Ricardo Jacinto trouxeram-me algumas alegrias que não devo guardar e fortaleceram convicções há muito arreigadas no meu entendimento pastoral, as quais devo divulgar para alumiar quem tiver os olhos abertos.

Andar com os pobres e a trabalhar para eles, é sempre saborear e pregar a companhia permanente e sensível de Deus. Só quem se dedica a estas missões, pode provar esta evidência. Quem não o faz, não vê, não sente, deprecia. Talvez, por isso, hoje, abunde tanta descrença!... porque poucos na Igreja se importam com os pobres. Impera a rotina.

Porque, por causa das férias, houve atraso e pouca clareza no fornecimento das portas e do tecto para a primeira casa, vi-me obrigado a ir às fábricas mendigar.

Nunca sabemos como Deus age. Por isso nos surpreendemos.

Dirijo-me à zona industrial daquele concelho e bato à porta de uma oficina adequada. Apresento-me "sem ouro nem prata" a pedir material para o tecto da casa daqueles pobres que o senhor imediatamente referenciou.

O dono que trabalhava, enquanto os seus operários estavam de férias. Olhou-me enternecido e tocado!... Após uns momentos de silêncio, e de

olhos embaciados desfecha comovido: — *devia dar-lhe tudo, mas não posso*. Mesmo assim, carregamos mais de 60 metros quadrados de forro, por 200€!...

**Os pobres mexem nas consciências e... por eles... Deus.** Senti-O tão bem naquela tarde!...

Para o andar do Ricardo fui igualmente pedir aros e portas. Um construtor civil pôs-me lá, a da entrada, em madeira maciça e duas interiores.

Os Aros estavam num santuário, arrumados, a ocupar espaço — *Leve o que quiser* — disse o Senhor Reitor- e eu carreguei quanto me foi possível. **Eram dons sagrados!...** Vinham dum santuário!... Como me alegrei com estas dádivas! Como Deus deve ter rejubilado!... e... Aquele Santuário ficou mais santo.

Enquanto enchia o carro, ajudado por um gaiato coberto de suor, e sua esposa a espumarem de esforço e contentamento, ia pensando comigo: *Como seria evangelicamente revolucionário e pastoralmente frutuoso se os Santuários de Deus, repartissem com os pobres, ao menos, as suas migalhas!...* Como, por estes gestos, a luz De Deus brilharia com mais fulgor dissipando as trevas actuais.

A direcção postal do Património dos Pobres:

**Lar do Gaiato**  
**Trv.º Padre Américo**  
**3000-313 Coimbra.**

Padre Acília

começo do mês, contou com a presença de muitos convidados dentre eles o Arcebispo de Maputo, o Dom Francisco Chimoio, os Gaiatos, simpatizantes da Casa, os colaboradores e vários convidados.

A cerimónia principiou com a celebração da missa de acção de graças que foi presidida pelo senhor Arcebispo, e durante a celebração da mesma um grupo de Rapazes recebeu o sacramento do Crisma (sendo esta uma das actividades centrais do evento).

O "Pai dos Gaiatos", mostrou-se satisfeito com a presença de todos e, na sua humildade e simplicidade nos deleitou contando o seu percurso desde aquele dia 15 de Agosto do ano de 1958. Dos cinquenta anos, vinte e cinco foram passados em Moçambique e destes, surgiu esta que é o orgulho do país: a Casa do Gaiato de Moçambique.

Após a missa, foi servido a todos o almoço. Este decorreu até por volta das quatro horas da tarde pois, os presentes eram em média mil convivas.

O corte do bolo foi logo em seguida ao almoço e, a entrega das prendas foi um dos momentos marcantes do dia.

À noite, os Rapazes continuaram a

festa através do canto e dança, declamação de poesias, apresentação de pequenas peças teatrais, assim como pela intervenção pelo discurso por parte de alguns, com o intento de mostrar a sua gratidão.

**VISITAS** — Uma vez por ano, no mês de Agosto temos recebido em nossa Casa a visita do Doutor Manuel Hoyos, um dentista amigo de Espanha que, aproveitando as suas férias laborais, tem vindo analisar a nossa saúde dentária, dos colaboradores e pessoas amigas da Obra da Rua. Este que é chamado pela malta simplesmente por Tio Manuel, desde o ano de 1998 que tem vindo a fazer tal acção. Ano após ano, ele tem trazido amigos cá que tal como ele se apaixonam pela nossa Obra. Fora destes, afirma ele que no seu ambiente de trabalho na Espanha tem dado a conhecer o trabalho que cá se faz. Este ano veio com o sobrinho mais um amigo seu de serviço.

De dois anos para cá, no mesmo período que o Doutor Manuel, os Gaiatos têm recebido um grupo de professores de Inglês da Universidade CIS de Madrid - Espanha. Estes quando nos visitam, para além de apoiar os professores na escola da

Casa, têm estimulado os Rapazes a se comunicarem nesta língua.

A presença deles tem originado um ambiente novo na Casa pois, fora do inglês eles têm criado espaços artísticos com o intuito de descobrir novos talentos através da fotografia, por exemplo.

**DESPORTO** — O "Campeonato Padre Américo" chegou ao fim e a malta levou a melhor. A entrega das medalhas aconteceu no Centro Comunitário da Massaca I, na presença das equipas participantes. Para o ano há mais.

A organização de combate ao HIV — SIDA Khumbuka — tem vindo a encorajar a prática do desporto nas escolas como alternativa em várias unidades de ensino no distrito de Boane. Esta prática visa o intercâmbio cultural entre jovens e adolescentes. Nós também temos vindo a participar deste evento que arrancou no primeiro sábado de Agosto. Assim, conjuntamente com as raparigas externas da escola da Casa temos estado a nos empenhar. Este evento tem vindo a acontecer em diferentes campos das aldeias onde a nossa Obra desenvolve as actividades.

Casimiro Manhisse

em Casa, com os olhos postos neles.

Ao longo dos anos e conforme vão acabando seus cursos, não tem havido dificuldades na colocação. Alguns no entanto queixam-se de salários baixos, que não garantem um aluguer de casa ou barraco no fundo do quintal, nem o transporte, muito menos o equilibrar a realidade e o sonho de constituir família. Um me dizia hoje, que por duas vezes já teve de mudar de casa e de cada uma se foi o salário do mês. Outro que os patrões (a empresa é das maiores na área de construção) não dão classificação pelo trabalho e antiguidade. Um colega ganha mais de metade do salário dele, estando há quinze anos no mesmo lugar. Tendo ele melhor classificação técnica tem de continuar os estudos para obter, daqui a uns anos, o nível universitário. Tudo dificuldades inerentes a todo o jovem que passa dos estudos para um lugar de trabalho.

Muito mais aqui, é que os grandes projectos, pelas regalias e isenções fiscais, atingem o topo de recuperação do capital investido por via de salários mínimos que pagam a grande maioria da força laboral. Atrevo-me a dizer que tudo isso é aproveitamento ganancioso da desastrosa queda em plano inclinado, onde desliza

a maior parte da população. Para a mentalidade dominante será impossível encaixar a frase do Pai Américo: "*reconhecer direitos às classe humildes e laborais é colocar as coisas no seu lugar*". O contrário é eminentemente perigoso, como já foi demonstrado.

Ora desta vez foram cinco para a Cimpor. Aconteceu num Domingo. Veio a nossa celebração um casal da Administração. No fim, em conversa falaram da possibilidade de dar lugar a rapazes que julgássemos idóneos, com capacidade de chefia. Tínhamos o António na Universidade e o João Paulo no secundário de construção civil, o Manuelito, prestes a entrar num curso Superior de Ciências de Saúde, o José que ficou com alcunha de mestre, com a décima segunda a espreita de singrar e o Julião a trabalhar na Comunidade de Mahanhane. Já tinham sido chefes em Casa. Apresentaram o seu currículo escolar, foram entrevistados, fizeram uma semana de aprendizado e três são encarregados do turno de trabalho, um conferente e o outro, operador de máquinas. O Manuelito de tão contente, já veio oferecer o seu primeiro salário. Para aqui óptimo, embora não passe os duzentos e oitenta euros. Foi o completar da sua festa.

Padre José Maria

## CALVÁRIO

## A tia Antónia

**U**NS amigos vão-nos oferecendo a fruta apetitosa, uma delícia para o paladar.

— *Sabe, o pessoal hoje anda exigente. Só quer fruta verde. Esta já não a compram por estar madura.*

— Que docinha, diz a tia Isabel.

Ora, nós aproveitamos o que os outros já não querem. E sucede o mesmo com os doentes que vamos recebendo.

A tia Antónia vivia sozinha. Teve sete filhos mas todos se ausentaram, deixando de a visitar. Uma neta descobriu-nos e pediu ajuda. Hoje aquela já está connosco.

A pobre senhora vivia numa casa humilde, sem água nem luz. Dentro dos aposentos o desleixo era total. Vizinhas condóidas, levavam-lhe alimento que nem sempre era tomado. A pobre dormia sentada numa cadeira, quase todas as noites. Quando acordava não sabia se era dia ou noite, se estava em casa ou fora dela. Perdera a noção do espaço e do tempo. Sofre de esquizofrenia ligeira. Mas sem medicação o seu estado de saúde ia-se agravando bruscamente.

Tal como na fruta também nós gostamos destes que já ninguém quer. A tia Antónia é uma bênção, pois trás consigo grande riqueza — uma vida gasta a criar e a amar os seus que hoje a esquecem. Por isso, ela merece todo o nosso respeito e admiração. A pobreza esconde, tantas vezes, valores que o tempo leva, mas na eternidade permanecem.

Continuamos a desejar estes que não têm lugar entre os mortais, como Maria e José o não tiveram ao chegarem a Belém, para o nascimento de Jesus.

Nestes doentes também Ele vem ao nosso encontro como veio naquela altura, pobre, despojado da sua dignidade divina, para receber o bafo dos humildes. A pessoa de Cristo aflora sorrateira mas claramente naqueles que chegam até nós e que o mundo rejeita, como fez a Ele.

É uma figura encantadora, simpática e meiga com todos esta pobre senhora.

Depois da refeição vai com o prato ainda meio até ao quarto para dar de comer à boneca que ali se encontra — gesto repetido, tantas vezes, com os filhos que depois a esqueceram.

Um dia apresentei a minha mãe a Pai Américo. Ele, olhando-a, sorriu e com voz terna e saudosa exclamou: — *Ai as mães!*

*Ai as mães, tia Antónia!*

Padre Baptista



## PÃO DE VIDA

## Regulamento

**N**A linha do pensamento pedagógico do Padre Américo e do património espiritual que nos legou, como verdadeira herança cristã, é um exercício reconfortante visitar os seus escritos incisivos e uma brisa suave lançar o nosso olhar sobre algum texto ainda desconhecido.

Desta vez, trata-se uma página dactilografada, de feição jurídica, outrora encaixilhada em Miranda do Corvo, quando dava os primeiros passos em Casa própria.

Desde 1935, as Colónias de Férias funcionaram, no início, em S. Pedro de Alva e, depois, em Vila Nova do Ceira, de Julho a Setembro. Porém, os Rapazes necessitavam de uma família, permanente.

A criação da primeira Casa, para garotos da rua, em 1940, foi um imperativo de consciência cristã, como sinal de regresso a Nazaré; que, assim, legitimava e amparava filhos da rua, quando o mundo sofria a II Grande Guerra, dando corpo a uma Obra estável.

Registamos, para que conste, o Regulamento dos primórdios da Casa mãe da Obra da Rua, inédito, com a singeleza original, o equilíbrio pedagógico e a marca espiritual, de quem ansiava por orientar as mentes e os corações dos Gaiatos – seus filhos:

CASA DE REPOUSO DO GAIATO POBRE  
REGULAMENTO INTERNO

Oito horas – Levantar, vestir, lavar, arejar camas. Orações da manhã, pedidas por um dos Gaiatos, todos de joelhos na sala, diante da Imagem do Sagrado Coração de Jesus (Santo Anjo do Senhor, Pai Nosso, Avé Maria, Glória, Salvé Rainha, Credo, a costumada Avé Maria pelos nossos Benfeitores e o sinal da Cruz antes e depois).

Oito e meia – Café. A seguir, fazer camas, limpeza na casa e trabalhos na quinta.

Onze horas – Estudo e lição.

Meio dia – Jantar.

Duas horas – Sesta para todos, cada um em sua cama e sem ruído algum.

Quatro horas – Merenda e pinhal.

Sete horas – Ceia.

Nove horas – Terço em comum, pedido pela Regente, as mesmas orações da noite, pedidas no mesmo lugar e posição que as da manhã, e a seguir deitar.

Antes e depois de cada uma das refeições, um dos gaiatos pede a costumada Avé Maria e Glória pelos nossos Benfeitores e todos os mais respondem, de mãos postas.

NB – Os Pais podem visitar seus filhos quando quiserem e podem estar com eles o tempo que lhes aprouver, mas nunca retirá-los da quinta.

Casa do Gaiato, Março de 1940.  
P. Américo!

A existência de regras internas é referida numa crónica sua, no Correio de Coimbra: "A grande obra desta semana, dentro da Obra da Rua, é informar os Amigos da Casa do Gaiato quais as normas de vida ali adoptadas e praticadas, porquanto certos senhores paizinhos, dando ouvidos a seus ricos meninos, têm espalhado o mal, cuidando que fazem bem.

A Casa tem seu regulamento. Os pequenos levantam-se a hora determinada, em silêncio; guardam silêncio mitigado nas refeições e rigoroso no repouso. Cada um tem sua obrigação tabelada nos trabalhos domésticos".

Ressalve-se que a feição de Casa de repouso foi-se desenvolvendo, também, como Casa de trabalho, como necessidade e factor educativo, conforme Pai Américo deixou escrito: "Eu quero que o Gaiato a meu cuidado se habitue a esta coisa simples e grandiosa – fazer a sua obrigação; e que, desde pequenino, comece a obrigar-se a ela. Custa muito à criança, sim, obrigar-se a pequenas tarefas; educar é justamente contrariar, mortificar a vontade do educando. Custa muito, sim; mais custa ao que tem de obrigar – mas ele há alguma coisa de grande no mundo que se faça sem dor?

É muito mais fácil deixar crescer tendências do que cortá-las."

A importância da educação pelo trabalho é um dos princípios educativos da Obra da Rua, sempre actual, em que o Rapaz é chamado a comer o pão com o suor do seu rosto. Cada um deve ter um serviço marcado, conforme a sua idade, as suas aptidões e a orientação da Casa.

Padre Manuel Mendes

## MALANJE

## Os Padres da Rua

**Q**UANDO nos decidimos por este nome não foi mera casualidade, foi um acerto porque, nesse preciso momento, assumimos o papel de ser pais daqueles que ninguém quer ser (os Pobres), assumimos ter uma casa que ninguém quer ter (a Rua). O resultado disto: nunca devemos parar de caminhar pela Rua e desejar que os seus sofrimentos sejam os nossos; suas esperanças, as nossas; sua vida, a nossa.

Padre Américo foi para nós o primeiro Padre da Rua. Ele decidiu assumir esta responsabilidade tão complexa para responder aos problemas que a cercam. Ao mesmo tempo, ofereceu-lhe a melhor das respostas que é a de dar vida. Depois daquela a opção, começou o que hoje conhecemos como Obra da Rua.

Posteriormente uniram-se a ele outros sacerdotes que continuaram, não com menor esforço, esta harmoniosa Obra.

Nós, que hoje somos chamados ao compromisso de continuar este projecto, não podemos

deixar de redescobrir e actualizar a nossa Obra sem perder a fidelidade aos seus princípios. Eu, na minha pequenez, me atrevo a lançar-nos dois grandes desafios desde sempre a enfrentar, desde sempre a responder.

Por sermos pais não podemos excluir nenhum dos nossos filhos que mais sofrem por causa da Rua, não podemos excluir-nos deste lugar que mostra, com mais evidência, os fracassos da nossa Sociedade. Por isso, nunca devemos renunciar a ser Padres da Rua em qualquer tempo e em qualquer lugar. Um pai que começa assistindo as crianças da rua como as primeiras vítimas, mas que não exclui outros problemas que ela contém, principalmente no Primeiro Mundo.

Nós, aqui em Angola, ainda podemos agir como no início da Obra da Rua: As crianças e os doentes incuráveis são as primeiras vítimas e como pais não os podemos deixar sós e desamparados, porque são nossos filhos.

Padre Rafael

## REFLECTINDO

## Dependência

**H**Á casos e casos. Cada um é único. Tem de ser visto e tratado conforme.

Um jovem partiu a pernas... Pareceu-nos que ficaria dependente. Não ficou. Um motociclo, um computador, suas mãos e fortes braços e sua grande força de vontade ganharam um emprego. Fez a sua independência.

- Em Malanje, durante a guerra, todos nós ficámos dependentes das ajudas das Nações Unidas. Com a paz e ajudas suspensas, muitos regressaram aos campos: Lavraram, plantaram e colheram. Muitos outros ficaram nas cidades iludidos com negócios e ajudas que falharam. Continuam dependentes e mal sobrevivem. Suspender as ajudas e ajudar o seu regresso às terras de origem — seria o bom.

- Um dia fui a uma lavra. O casal, já idoso, fazia uma mibanga. Estavam na sua lavra — felizes. Uma brisa suave fazia murmúrio nas folhas tenras das mandiogueiras. Ofereceram-me uma mandioca doce. Pedi ao marido para tirar a casca com a sua catana. Ele tirou e deu-me — branca e carnuda. Comi. O sorriso dos dois — natural e limpinho como a água duma fonte — encantou-me.

Os campos, o trabalho e o sol abraçando tudo são fonte de paz. Saboreei, todo o dia dentro de mim aqueles lindos sorrisos!

- Um jovem inteligente e com muitos dotes consegue sempre o fundo do desemprego. A desocupação levou-o à droga. Dependente do Estado e do vício ficou um farrapo...

- Que direi do nosso Povo que antes se revia nas searas louras e ondulantes e hoje vê as silvas conquistando as leivas?

Tudo vem de fora! A própria terra está sendo vendida aos hectares...

É triste ser dependente, e quando por nossa culpa, brada aos céus...

Padre Telmo

## SETÚBAL

## As crianças são um dom de Deus

**R**ECEBEMOS o Antó-nio; um dom de Deus, na forma de um pequenino, para equilibrar um pouco mais esta família.

As crianças são, de facto, um dom de Deus. São uma luzinha sempre acesa em qualquer família humana. Elas contribuem, e muito, para o seu equilíbrio emocional e afectivo, e também para a descoberta do bom senso das coisas da vida.

O tradicional desenrolar da vida, com o nascimento dos filhos e dos filhos destes, criavam no seio familiar estabilidade e lhe davam continuidade, em que o surgir de novas vidas e o final de outras, mais do que à sua dimensão natural, abriam ao sobrenatural. Um coração pacificado, com simplicidade compreendia e aceitava este dramatismo da vida.

O homem de hoje, o que nos fica mais próximo, quis fugir ao drama que a vida em si con-

tém. Por um lado recusa comprometer-se com o brotar de novas vidas humanas, para que, não sendo interveniente, não se confronte com o início da vida. No outro extremo, não estando perto da natural decadência dos seus mais próximos, de quem se afasta o mais possível, não tome consciência do fim natural da vida. Assim, fica com a aparência de que a vida não começa nem acaba, de que é contínua a sua existência pessoal.

Sabemos que nada adianta à avestruz meter a cabeça na areia, deixando de fora o restante do seu corpo. Ao homem, também não lhe adianta fugir à realidade da vida. Não é por não querer ver, que o brotar da vida e o seu fim, deixam de existir.

Se, ao contrário, aceitasse o drama da vida e as suas fragilidades, decerto lhe encontraria o sentido e o caminho para alcançar a sua Redenção. É que, tal como

vive hoje, está às escuras, e faltando-lhe a luz, falta-lhe a alegria que a presença da criança traz ao mundo humano. Já o poeta dizia que «...o melhor do mundo são as crianças.»

Quis Deus levar-me uns dias, recentemente, a um país onde as crianças estão a reaparecer. Não sei se a força deste reaparecimento vem dos subsídios que o Estado dá às famílias que trazem ao país novos cidadãos! Mas ainda que assim seja, o que já não será mau, é certo que a educação amorosa de que as crianças necessitam, dinheiro algum a poderá dar. E que, para quem ama, o dinheiro não é a fundamental motivação para amar!

Recebemos com alegria o António. Irá crescendo conosco, e nele todos encontraremos um pouco mais da luz que Deus teima em colocar na vida dos homens.

Padre Júlio